



Palácio do Planalto admite ceder comando da Comissão Parlamentar de Inquérito a um tucano, mas pede a indicação de um moderado

# Governo e PSDB negociam a CPI

LEANDRO COLON E  
FERNANDA ODILLA

DA EQUIPE DO CORREIO

**G**overno e PSDB negociam a escolha de um senador tucano para presidir a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) dos Cartões. A articulação ganhou força ontem e vem sendo comandada pelo líder do governo no Senado, Romero Jucá (PMDB-RR), e o presidente do PSDB, senador Sérgio Guerra (PE), com o apoio do presidente da Casa, Garibaldi Alves Filho (PMDB-RN). O tucano ofereceu a Jucá dois nomes da bancada do partido no Senado: Marconi Perillo (GO) e Marisa Serrano (MS).

O governo, entretanto, prefere senadores menos conhecidos e estuda qual da bancada do PSDB poderia aceitar. Assessores do Palácio do Planalto avaliam os nomes por exemplo, de Lúcia Vânia (GO), Cicero Lucena (PB), Flexa Ribeiro (PA), e João Tenório (AL). As opções deveriam ser levadas para a reunião de coordenação política que seria realizada ontem com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva no Palácio do Planalto. O encontro, porém, foi adiado para amanhã.

Os tucanos foram avisados por governistas que há resistências a Marisa Serrano dentro da bancada do PMDB. O senador Valter Pereira (PMDB-MS), do mesmo estado de Marisa, não quer o crescimento político da colega, que ganhou destaque no ano passado ao relatar processo contra o então presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL).

Na avaliação do governo, Perillo teria até mais aceitação e diálogo perante a tropa de choque de Lula. O senador goiano tem boa relação com o presidente. Ele chegou a participar de um café da manhã com Lula no fim do ano passado a convite do governador do Distrito Federal, José Roberto Arruda (DEM), para discutir a votação da CPME. Mas Perillo é considerado um político experiente e que poderia complicar a vida do Palácio do Planalto na CPI.

Expectativa

Ontem mesmo, Jucá telefonou ao líder do PMDB no Senado, Valdir Raupp (RO), e o

## CORRELAÇÃO DE FORÇAS

Distribuição dos poderes nas CPIs mistas nos governos de FHC e Lula

CPMI	Ano	Presidente	Relator
Trabalho Infantil	1996	PMDB (senadora Marluce Pinto)	PPB (deputada Célia Mendes)
Institutos de Pesquisa	1998	PFL (deputado Maluly Neto)	PMDB (senador Roberto Requião)
Roubo de Cargas	2000	PFL (senador Romeu Tuma)	PFL (deputado Oscar Andrade)
Veículos Salvados	2003	PFL (senador Romeu Tuma)	PMDB (deputado Takayama)
Exploração sexual	2003	PPS (senadora Patrícia Saboya)	PT (deputada Maria do Rosário)
Banestado	2003	PSDB (senador Antero Paes de Barros)	PT (deputado José Mentor)
Reforma agrária	2003	PSDB (senador Álvaro Dias)	PT (deputado João Alfredo)
Emigração ilegal	2005	PL (senador Marcello Crivela)	PT (deputado João Magno)
Correios	2005	PT (senador Delcídio Amaral)	PMDB (deputado Osmar Serraglio)
Mensalão	2005	PMDB (senador Amir Lando)	PP (deputado Ibram Abi-Ackel)
Ambulâncias (Sanguessugas)	2006	PT (deputado Antônio Carlos Biscaia)	PMDB (senador Amir Lando)

Fontes: Câmara/Senado

Obs: nos anos de 1997, 1999, 2001, 2002 e 2004 não foram instaladas CPIs mistas no Congresso.

informou das conversas com o PSDB. Raupp já indicou Neuto de Conto (PMDB-SC) para presidir a CPI, cumprindo a prerrogativa que o PMDB tem de ficar com o cargo por ter a maior bancada do Senado. O líder do partido, porém, foi informado por Jucá que, se o acordo com os tucanos vingar nos próximos dias, o PMDB terá que abrir mão da vaga em nome de uma decisão de governo.

Neuto de Conto, aliás, recebeu ontem a visita do deputado Luiz Sérgio (PT-RJ), indicado pelo PT da Câmara para ser o relator da CPI. De olho nos trabalhos da comissão, Sérgio foi conhecer o senador. Apesar da negociação entre governo e PSDB, o futuro relator segue a linha do PT de ser contra qualquer entendimento com os tucanos. "PMDB e PT não podem abrir mão",

afirmou. "Há um clima de tensão muito grande. É preciso aguardar os acontecimentos para ver se a CPI sairá do jeito que planejamos", disse.

Os petistas consideram um erro de Jucá ceder à oposição. E o criticam internamente. O líder do governo, no entanto, argumenta com governistas que a divisão dos cargos da CPI diminuiria o clima bélico no Senado com tucanos e democratas, que ameaçam obstruir as votações em plenário caso o Palácio do Planalto não concorde em entregar a presidência da CPI.

Para Jucá, um acordo ajudaria na votação na Casa de projetos considerados importantes pelo governo, com as medidas provisórias que tratam da Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL) e da criação da TV pública.



## O otimismo é o grande eleitor

**C**omo é possível que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva atinja picos de popularidade e aprovação enquanto as simulações de voto apontam liderança folgada dos candidatos da oposição na corrida pela sucessão presidencial em 2010? Esse aparente paradoxo aparece nos números da pesquisa CNT/Sensus, que pode ser conferida em reportagem às páginas 2 e 3 desta edição.

Há algumas hipóteses imediatas, no terreno do senso comum. Pesquisa a tanto tempo da eleição não diz muita coisa, objetam alguns. É um argumento razoável, ainda que os mesmos que torcem o nariz para a suposta antecedência excessiva fiquem eles próprios de orelha em pé a cada informação sobre intenção de voto para presidente.

Uma segunda linha é que os números refletem mais o recall do que a disposição real de votar neste ou naquele. A memória de eleições passadas certamente tem importância. Mas não explica, por exemplo, o bom desempenho de um político como Aécio Neves — que nunca disputou eleição fora de Minas Gerais e a quem falta presença nacional equivalente à de seus concorrentes pela indicação no PSDB. Aliás, se recall fosse tudo, certamente Geraldo Alckmin apareceria à frente de Aécio na espontânea, e não atrás.

Um terceiro caminho é creditar o desempenho presidencial ao "lulismo", ao carisma de um presidente supostamente descolado de sua base partidária e cuja influência eleitoral estará limitada por não poder ele próprio concorrer a um novo mandato. "2010 será a primeira eleição sem Lula, desde a volta das diretas para presidente", repete-se. É verdade. Lula não poderá se candidatar ele próprio daqui a três anos. Mas nada impede que venha a apoiar um "Lula", alguém que signifique a continuidade das políticas de seu governo.

O fato é que o presidente vai muito bem, obrigado. Depois de anos de polêmicas, já há consenso de que as políticas sociais e a economia respondem estruturalmente pela popularidade de Lula e pela musculatura política dele. A variável a analisar é outra: deseja-se avaliar se, e quanto, ele será capaz de "transferir" musculatura e popularidade a um candidato.

Uma questão da pesquisa divulgada ontem pode contribuir para clarear o caminho da análise. O Sensus quis saber por quanto tempo o entrevistado acha que o Brasil vai continuar a crescer. Quase 61% responderam que o país "não vai parar" de crescer. Uma taxa alta de otimismo, especialmente porque colhida logo depois do intenso noticiário negativo decorrente da crise financeira americana.

Quando abriu seu mandato, em 2003, Lula disse que iria trabalhar para aumentar a auto-estima nacional. Parece que conseguiu. Sob Lula, pelo menos seis em cada 10 brasileiros esbanjam otimismo em relação ao futuro do país. E se a economia e os programas sociais são o capital presente do governo, esse otimismo é o seu grande capital futuro.

Pois eleições são invariavelmente apostas sobre isso, o futuro. Currículo é pré-requisito, mas não decide. O que amarra o voto é a capacidade de liderança, de encarnar a habilidade e a força necessárias para transformar sonhos em realidade, para alcançar dias melhores. O suadouro que Barack Obama está aplicando em Hillary Clinton deveria servir de lição a esse respeito.

Lula conseguiu transformar o brasileiro médio num otimista. Se o estado de espírito persistir, o presidente da República será o principal eleitor em 2010. Mas isso não significa que a oposição vá necessariamente caminhar para o matadouro. Se ela for inteligente, poderá tentar emplacar um discurso em que estejam conectadas as realizações positivas do governo do PT e a necessidade de renovação política, sem grandes rupturas.

Até o momento, a aposta da oposição parece residir em outros lugares. Em uma suposta superioridade gerencial e administrativa que só existe na cabeça dos marqueteiros dela. Ou na tentativa de levantar o país numa cruzada moral "contra a roubalheira", conforme o conselho de Fernando Henrique Cardoso. Os números do Sensus são a enésima evidência de que, por aí, a oposição brasileira caminha mais uma vez para a derrota. Ainda que hoje possa saborear confortáveis — e enganadores — índices de intenção de voto.

José Varella/CB - 20/6/07



SÉRGIO GUERRA (E), AGRIPINO, ARTHUR VIRGÍLIO E JUCÁ (D), CONTINUAM TENTANDO ENCONTRAR UMA SAÍDA PARA O IMPASSE SOBRE O COMANDO DA CPI

## DEM prepara porta de saída

O DEM está preocupado com a postura do PSDB na CPI dos Cartões, em especial se os tucanos conquistarem um lugar na mesa da comissão. Avaliam que ao sentar na cadeira da presidência, o PSDB pode ser, num futuro próximo, enquadrado como co-responsável pela "CPI chapa branca". Por isso, os Democratas estão preparados para tentar investir contra os governos de Fernando Henrique Cardoso e de Lula. Se não conseguirem emplacar requerimentos de informação e de intimação, vão fazer barulho por uma CPI exclusiva no Senado.

A estratégia dos sempre barulhentos integrantes do DEM foi definida ontem, numa reunião entre o presidente da legenda, Rodrigo Maia (RJ), e os líderes na Câmara e no Senado, ACM Neto (BA) e José Agripino (RN). "Abrir mão da CPI mista agora é aumentar ainda mais a dúvida na sociedade se há ou não acordo para não se investigar nada", argumenta Maia. Mas, logo depois da reunião, Agripino fez uma consulta em plenário questionando se é possível instaurar duas CPIs sobre o mesmo tema no Congresso: uma mista e outra no Senado.

A resposta criou confusão dentro do próprio DEM. Rodrigo Maia diz ser possível até três comissões simultâneas sobre o mesmo tema no Congresso. O líder da minoria no Senado, Demostenes Torres (DEM-GO), diz

exatamente o contrário. Argumenta ser inviável haver uma CPI com senadores e deputados e uma apenas com senadores. "Não é uma questão fechada no partido. Concordamos com a CPI mista, mas podemos evoluir para uma CPI só do Senado", justifica Agripino.

No PSDB, a pressão por um lugar na presidência também não é consenso. Há quem alimente o receio de ser uma armadilha do governo, para responsabilizar os tucanos numa eventual lentidão dos trabalhos. O autor do pedido de CPI mista, deputado Carlos Sampaio (PSDB-SP), não descarta a possibilidade de um eventual presidente do seu próprio partido dificultar as investigações. "Se o PSDB conduzir mal na presidência, que a responsabilidade caia sobre o ombro de quem está presidindo", argumenta. (FO/LC)

